

PARA LÁ DA RAZÃO E DA LOUCURA: A ESCRITA. PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO ENTRE MAURICE BLANCHOT E MICHEL FOUCAULT

Hugo Monteiro
Universidade do Porto

Resumen

La reflexión que presentamos aquí intenta acercarse a dos pensadores transgresores –Michel Foucault y Maurice Blanchot–, afirmando o delimitando un diálogo reticente, pero fundador. Examinaremos el modo en que piensan la Locura fuera de los límites establecidos por una tradición fuertemente logocentrada, en una crítica patente en las diferentes modulaciones de los dos discursos, tanto en su proximidad como en su distanciamiento.

Palabras clave: Blanchot, Foucault, locura, escritura.

Abstract

This essay intends to reflect upon two transgressive thinkers – Michel Foucault and Maurice Blanchot – revealing the importance of their respectful but yet differential dialogue. We shall concern the way in which both thinkers pursue the concept of “madness” beyond the limits of a tradition driven by the ways of modern rationalism, in a critical point of view that shows the differences and similarities of their writings.

Keywords: Blanchot, Foucault, madness, writing.

O ano de 2007 assinala o centenário do nascimento de Maurice Blanchot (1907-2003), cuja escrita e pensamento testemunham um dos percursos intelectuais mais luminosamente singulares da contemporaneidade. Michel Foucault (1926-1984), um dos primeiros a consagrar à obra de Maurice Blanchot uma merecida atenção filosófica, baptiza como “pensamento do exterior” o modo como interpretou o tom transgressivo da escrita

Recibido: 17/01/07. Aceptado: 20/04/07.

blanchotiana, mobilizando-a para desenvolver o seu próprio pensamento transgressivo. Entre ambos, teceu-se um diálogo subtil, em que se realça a unicidade de dois percursos de escrita.

Não há diálogo sem dissonância. O encontro entre duas vozes, entre duas figuras, entre dois gestos de pensamento é a marca privilegiada desse desacordo, sempre em questão na irredutibilidade de dois tons distintos. Esta dissonância sobressai mais ainda quando se encontram, em questão dois nomes cimeiros da escrita e do pensamento, da escrita *como* pensamento —Maurice Blanchot e Michel Foucault—, cuja singularidade inventiva e criadora marca inconfundivelmente o tom plural do nosso tempo.

Esta aproximação, admirativa mas sempre marcada por um encontro sem identificação, é visível no tom intrigante, contagiado pela cortina do imaginário, com que Blanchot narra o encontro *que não se chegou a dar* com Foucault:

«Nunca o encontrei excepto uma vez, no pátio da Sorbonne durante os acontecimentos do Maio de 68, talvez em Junho ou em Julho (mas dizem-me que não estava lá), e dirigi-lhe algumas palavras, ignorando ele quem lhe estava a falar.» (Blanchot, s.d.: p. 17).

Um encontro contaminado, como tal, pelo sabor diacrónico em que a própria escrita se processa e que marca, aliás, a tonalidade da escrita em Blanchot. A escrita de Blanchot, como já o filósofo Emmanuel Lévinas dava conta, em 1971, transporta uma “ruptura com a ordem, com a totalidade, com a conjugação dos termos, com a sua sincronia, com o Logos” (Lévinas, 1975: p. 46, tradução nossa). Esta força disruptiva, fortemente problematizadora das grandes categorias da Razão Moderna, é naturalmente reconhecida e valorizada por Foucault, que a redirecciona no sentido de um *pensamento da transgressão*. Aqui, a ideia de *Loucura*, repensada fora dos quadros conceptuais dominantes da modernidade filosófica, aparece como mote fracturante, na proximidade e distanciamento tangíveis no diálogo entre Maurice Blanchot e Michel Foucault. É da força transgressiva deste diálogo que pretendemos dar conta.

Transgressão e deslocação entre Foucault e Blanchot

O espaço da transgressão é, em Blanchot, o lugar por excelência do pensamento. Há que notar, porém, que esse movimento de transgressão não passa por uma simples negação das leis (o que o tornaria dependente da

lei transgredida), mas pela afirmação de uma alteridade infinita, irreduzível ao interior de qualquer lei. Como escreve Blanchot em *Le Pas au-delà*, a transgressão “não transgride a lei, mas transporta-a consigo” (Blanchot, 1973: p. 139, tradução nossa). A escrita é o lugar desta transgressão: o lugar sem lugar (algures, na errância do inalcançável) que é o espaço da escrita. A escrita não encontra, por isso, tradução na totalização em que a perspectiva ontológica assenta; tampouco se encontram as suas raízes no circuito histórico de qualquer progressividade dialéctica: a escrita fractura a verdade, fragmenta as aspirações à unidade, cinde o sujeito e desarma o movimento das conceptualizações. Por isto mesmo, a escrita é *interrupção* (da acalmia dos percursos da Razão e dos esforços totalizadores dos grandes sistemas), cujo rasgão fende tudo o que é interrompido. Daí que esse espaço de transgressão não se deixe resumir numa mera superação de limites previamente fixos e estabelecidos (o que manteria os limites na sua imperturbável estabilidade), pois desloca tudo o que é limitado pelo limite, deslocando nesse ímpeto a própria deslocação. Trata-se de abalar todos os princípios e bases de sustentação da cultura e dos *princípios*, “non pas pour revenir idyllyquement en arrière, mais plutôt pour aller au-delà, c’est-à-dire jusqu’à la limite, afin de tenter de rompre le cercle, le cercle de tous les cercles: la *totalité* des concepts qui fonde l’histoire, se développe en elle et dont elle est le développement”(Cf. Blanchot, 1969: VII, itálico do autor). Vemos claramente como os incartografáveis passos de uma errância vêm, na força disruptiva do pensar blanchotiano, *interromper* a circularidade conceptual do movimento dialéctico ou a economia do movimento da História e do pensamento. Com Blanchot, suponhamos então... Suponhamos

...«une interruption en quelque sorte absolue et absolument neutre; supposons-la, non plus intérieure à la sphère du langage, mais extérieure et antérieure à toute parole et à tout silence; appelons-la l’ultime, l’hyperbolique. Aurions-nous avec elle atteint la rupture qui nous délivrerait, fût-ce hyperboliquement, non seulement de toute raison (ce serait peu), mais de toute déraison, c’est-à-dire de cette raison qu’est encore la folie?» (Blanchot, 1969: p.111).

Esta *suposição* envia-nos directamente para a exterioridade própria da transgressão, cujo palco hiperbólico é, privilegiadamente, esse jogo (ainda e sempre “insensato”) de escrever. A loucura da língua é o próprio simulacro da escrita, em que a “desrazão”, se conjugada como contraponto imediato à dita razão, não sai da retórica prevalente da linha racionalizante e dialéctica, pelo que se exige um mergulho na interrupção fundadora, anterior à própria palavra, num salto abissal que

reinventa rasurando toda a progressão dialéctica. A palavra escrita é o interior desse exterior, na irreduzível exterioridade, errante e oscilante, da sua experiência. Se escrever constitui a experiência e o pensamento desse exterior —o traçar de “um círculo no interior do qual viria inscrever-se o exterior de todos os círculos”(Blanchot, 1969: p. 112, tradução nossa)— a escrita não pode deixar de ser também uma alucinante e provocatória *desconstrução* da loucura, no mesmo acto em que a Razão, o *Logos*, a *Aletheia* e o Ser sofrem o rasgão decisivo da interrupção. É necessário escutar de novo, com outros ouvidos que não os da economia do *Logos*, a linguagem da loucura, no mesmo timbre singularmente concedido pelas artes e pela literatura. «Le langage de la folie, il faut se tourner vers les grandes oeuvres sombres de la littérature et de l'art pour l'entendre —peut-être— à nouveau» (Blanchot, 1969: p. 298).

Quando a palavra transgride a Razão

Uma linguagem que devém loucura (que *dá em louca*, como diz uma expressão corrente na língua portuguesa) é uma linguagem que, num golpe súbito, perde o sentido. Convém reclinar-mos sobre este devir loucura da linguagem, cuja propriedade permite que *dê em louca*; uma linguagem que, *como tal*, *dá em louca*, como afirma explicitamente Blanchot (“le langage, comme tel, devenu fou”(Blanchot, 1973: p. 66)). Esta meditação abrirá portas a um pensamento da interrupção —ou a um pensamento *como* interrupção— do sentido, abrindo o espaço aparente desse qualificativo: loucura.

É a experiência da escrita ou o seu “jogo insensato” que levará a palavra “loucura” ao limite da sua anulação enquanto simples negação da Razão. A preservação dessa dualidade contribui para manter o reinado separatista da racionalidade, na dinâmica de exclusão para a qual Foucault tão bem soube alertar. É justamente a Foucault que pretendemos dedicar alguma atenção, no diálogo ou discussão que trava com a obra de Blanchot. A relação entre os dois pensadores permite vislumbrar o modo como o pensamento contemporâneo vai escavando esse espaço transgressivo em que o sopesamento da loucura enquanto questão e palavra se desprende do quietismo dos modelos da tradição, descolando rumo a um pensamento de limite que recusa a rigidez dos moldes, sublinhando a modulação criativa em que o pensar se põe em obra.

O esforço de Foucault em repensar o modo como Razão e Loucura se definem e se determinam como motores de cristalização e exclusão

na História da cultura e do pensamento não pode deixar de problematizar a arte e a literatura como hospitaleiras de discursos excluídos pelas forças normalizadoras da Razão. Este factor leva a que não se estranhe o facto de Blanchot ter sido, com Roland Barthes, um dos primeiros a dar mérito e atenção a *Histoire de la Folie à l'âge classique* (Foucault, 1961), contribuindo para a sua publicação e divulgação e reconhecendo a sua relevância e conteúdo provocatório (Bident, 1998: p. 454). Seria importante, entre outras coisas, interrogar o modo como o discurso do que excede a Razão atravessa a arte e a literatura, que assim acenam afirmativamente ao que a cultura rejeita:

...«nous avons à nous demander s'il est vrai que la littérature et l'art pourraient accueillir ces expériences-limites et, ainsi, préparer, par-delà la culture, un rapport avec ce que rejette la culture: parole des confins, dehors d'écriture.» (Blanchot, 1969: p. 292).

Foucault, por seu turno, afirma ter sido Blanchot “quem tornou possível todo o discurso sobre a literatura” (M. Foucault, 2001a: p. 621, tradução nossa), conferindo-lhe uma importância no espaço literário equivalente (e simultaneamente, pela configuração do seu pensar, oposta) à de Hegel na filosofia. Por isso o reclama, de modo discutível, na sua obra. Para Foucault, Blanchot é esse *pensamento do exterior*, expresso no título do famoso texto que lhe consagra, cuja invisibilidade é o lugar vazio do apagamento do sujeito, pensado desde o rumo da ficção ocidental, alternativo ou oposto ao percurso da “certeza indubitável”:

...«Or ce qui rend si nécessaire de penser cette fiction —alors qu'autrefois il s'agissait de penser la vérité—, c'est que le “je parle” fonctionne comme au rebours du “je pense”. Celui-ci conduisait en effet à la certitude indubitable du Je et de son existence; celui-là au contraire recule, disperse, efface cette existence et n'en laisse apparaître que l'emplacement vide.» (Foucault, 2001b: p. 548).

Centrando-nos no modo como estes discursos se leram entre si, é necessário salvaguardar as diferenças e focos de dissenção que o rumo destas duas obras sofreu, distinguindo igualmente o modo como a ideia de loucura não é imediatamente traduzível na obra dos dois pensadores. Não se trata apenas de seguir os termos de ruptura com a razão e seus discursos, mas, com Blanchot, de assinalar essa interrupção seja da razão seja da própria desrazão, como marca negativa da *razão que é ainda a loucura*.

Aproximação e diferença entre Foucault e Blanchot

Começamos o presente passo deste ensaio dizendo que o espaço de transgressão é, para Blanchot, o lugar por excelência do pensamento e da escrita. É talvez ocasião para atentar na palavra “transgressão”, no sentido em que Foucault a enuncia aplicando-a a Bataille ou a Blanchot, para admitir que esta palavra é também a marca de uma aproximação que, ao mesmo tempo, afasta e põe em evidência a singularização de percursos distintos; palavra-sintoma do contacto entre dois pensadores-escritores que, como sugere Blanchot, se encontraram sem que nunca se tivessem reconhecido. A transgressão não pode ser, em Blanchot, um movimento de negação corporizável numa progressão dialéctica. Até aqui, esse “pensamento do exterior” não parece beliscado pela análise de Foucault, que vê na diferença constitutiva da linguagem —na sua não identidade de si a si— um rude golpe infligido ao *Ego* cartesiano e ao ímpeto dominador do *Logos*, ponto chave, como é sabido, do desenvolvimento da sua “arqueologia” e tese motriz na sua *História da Loucura*. Segundo Deleuze, Foucault é mesmo tributário de Blanchot nos passos fundadores do seu pensamento (Cf. San-Payo, 2003: pp. 56-57). Porém, se a crítica do Sujeito aproximou uma certa fase de escrita dos dois pensadores, talvez seja a ideia de transgressão —ou, concretamente, a tão constante díade Loucura-Razão— o factor que, quanto a nós, mais lhes aparta os destinos, numa dissensão que, como refere Patrícia San-Payo, se deve em muito à aproximação cada vez mais nítida entre Blanchot e Derrida. Interditar o que excede, a excedência, o que não se deixa conter nos limites, é desígnio social e destino racional que *torna possível* a loucura. Definir a loucura como “interioridade de excepção” é o que torna legítima, ironicamente, a sua exclusão: condena-se ao exterior dos espaços de luz do saber esse interior excessivo; a muito condicionada noção de cidadania constrói-se, através de um argumento que mantém a racionalidade como principal alicerce, pela exclusão e vigilância sobre o que é excessivo, mantendo-se a razoabilidade no centro dos mecanismos do poder. A equivocidade da palavra “loucura” é chamada na exacta medida em que, para Foucault, ela parece tornar-se secundária face à exaltação dos mecanismos do Poder, que é acima de tudo “poder de exclusão”. Se a Loucura é acessória face à exclusão, a verdade é que se possibilita um pensamento em que emergem “fundos de sentido” ocultos pela história (cujo discurso se tece na senda do que é *visível*) e que, como reconhece Blanchot, “só podem ser vencidos mediante a desqualificação do próprio sentido, bem como, nas palavras, do significado e até do significante” (Blanchot, s.d.: p. 23).

Foucault manifesta, desde o prefácio de *História da Loucura*, a intenção de fazer uma história da loucura partindo da própria loucura, desde o interior da exclusão, em vez de assumir como base os saberes que a aprisionaram, que a ostracizaram e que, desde o século XVI, a reduziram ao silêncio (*Apud* Carvalho, 2001: p. 64). No processo que designa como “o grande enclausuramento”, Foucault descreve e analisa o recolhimento de uma multidão de desajustados, mole imensa que incluía loucos, pobres, prostitutas, errantes... numa instituição fundada para o efeito, o Hospital Geral. Mau grado a designação médica da instituição, o processo de albergue desses excluídos denunciava uma ordenação de índole judiciária, em que o critério clínico que serviu outrora para internamento dos leprosos se transformava em critério moral, jurídico, económico, intentando silenciar pela força os elementos estranhos à *norma* de funcionamento societal (Cf. Foucault, 1961: pp. 56-64). Este processo é largamente alimentado por uma razão triunfante, que amordaça todo o comportamento taxado como Loucura em favor de uma *Ratio* dominante, que institui a “recusa de toda a relação com a extravagância” (Blanchot, 1969: p. 294, tradução nossa). Um tal processo de silenciamento do que se prescreve como loucura é perspectivável exemplarmente, para Foucault, quando Descartes escreve, na primeira Meditação, ao procurar reflectir na falibilidade dos sentidos e na dúvida que possibilita ultrapassar os seus prejuízos:

...«qual a razão por que se poderia negar que estas próprias mãos e todo este meu corpo são meus? A não ser que, porventura, me compare não sei com que loucos, cujos miolos estão tão abalados por vapores rebeldes de bÍlis negra que asseveram invariavelmente serem, ou reis, quando são paupérrimos, ou estarem vestidos de oiro e púrpura, quando estão nus, ou que têm uma cabeça de burro, ou que são cabaças, ou que são feitos de vidro. Mas trata-se de pessoas que perderam a razão e eu próprio não pareceria menos insensato se lhes seguisse o exemplo.» (Descartes, 1992: p. 108)

Escreve Descartes. Cita Foucault, nos passos iniciais do famoso capítulo sobre o “Grande Enclausuramento”. Blanchot lê a citação e analisa a sua inscrição nos redís da escrita de Foucault, reconhecendo o movimento pelo qual este último a inscreve, como sentenciando a Loucura e, de um modo mais geral, a desrazão à exclusão e ao silêncio, à sombra dos domínios diurnos da *Ratio*:

...«ce qui se constitue en silence, —escreve Blanchot— dans la réclusion du Grand Renfermement, par un mouvement qui répond au banissement prononcé par Descartes, c’est le monde même de la Déraison dont la folie n’est qu’une part, ce monde

auquel le classicisme annexe les prohibitions sexuelles, les interdits religieux, tous les excès de la pensée et du coeur.» (Blanchot, 1969: p. 295)

Pela *Ratio*, torna-se possível o Sujeito como ser capaz de razão, detentor e possuidor de raciocínio e, portanto, Eu soberano e racional. Desígnio humano é esta escolha tomada *contra* a desumanidade da Loucura, a escolha do Sujeito racional em detrimento da desposseção *selvagem* e *animalesca* da Loucura. Tomando Descartes como ponto de partida, Foucault exhibe este percurso racionalizante e normalizador da exclusão, sendo também por aqui que a sua tese convoca uma crítica veemente, que chega por Jacques Derrida, mas à qual Blanchot, ainda que no seu recolhimento silencioso, não pôde ser indiferente.

Foucault na mira de Derrida

O que há de mais “audacioso” e de mais “sedutor” nesta obra de Foucault é, para Derrida, esse cuidado incessante em evitar as armadilhas do objectivismo ou a linguagem da razão, para desenvolver uma história que é a da loucura, e que por isso tem —diz Derrida com ironia— a loucura *como sujeito*. (Cf. Derrida, 1967: p. 56). Foucault, ao escrever sobre o silêncio que deriva da exclusão de uma ordenação racionalizante, inventa uma linguagem para realizar o que insistentemente vem apodando de “arqueologia de um silêncio”. Mas é de uma linguagem, de uma ordem, de uma sintaxe que se trata —não cairá, então, Foucault num recomeço (seja ele uma “repetição” dissonante) do “acto perpetrado contra a loucura” no “momento mesmo em que o denuncia?” (Derrida, 1967: p. 57, tradução nossa). Num sublinhado que não podemos deixar de fazer, Derrida realça as condições de ordenação inerentes a um “fazer obra” patentes na obra de Foucault, o que nos permite uma correspondência directa com o *desoeuvrement* que Blanchot, por seu turno, verifica nessa *desrazão* que é a escrita. Foucault não deixa de operar com um dos pares da “classicista” oposição (Razão/Loucura), ainda que *escolha* (numa decisão autonómica, soberana, *regrada*) o elemento silencioso e silenciado; como escreve Derrida, “a ordem é então denunciada na ordem” (Derrida, 1967: p. 58, tradução nossa). O próprio título *História da Loucura* está atravessado por uma ideia de racionalidade impressa no conceito “História”, “desde sempre um conceito racional”, levando à prioridade em questionar-se a significação de “história” ou de “arqueologia” (na sua raiz principal —*arké*— que nos remete à história logocentrada do

fundamento), logo se assinalando que toda a escrita que se queira constituir como excesso dos princípios da razão *não pode deixar-se conter na clausura metafísica de uma arqueologia*. Daí que escreva Derrida:

«On ne peut sans doute pas écrire une histoire, voire une archéologie contre la raison, car, malgré des apparences, le concept d'histoire a toujours été un concept rationnel. C'est la signification "histoire" ou "archie" qu'il eût peut-être fallu questionner d'abord. Une écriture excédant, à les questionner, les valeurs d'origine, de raison, d'histoire, ne saurait se laisser contenir dans la clôture métaphysique d'une archéologie.» (Derrida, 1967: p. 59)

Ora Foucault parece partir de um saber antecipado, pré-compreensivo, da loucura, como se tal *saber* fosse possível e como se a linguagem que ordena esse saber não levasse a uma negatividade que sempre mantém aquilo que nega. É isso mesmo que Derrida vislumbra no registo de Foucault, criticando-lhe uma certa circularidade conceptual que lhe contagia o discurso:

«Mais tout se passe comme si Foucault *savait* ce que "folie" veut dire. Tout se passe comme si, en permanence et en sous-jacence, une pré-compréhension sûre et rigoureuse du concept de folie, de sa définition nominale au moins, était possible et acquise.» (Derrida, 1967: p. 66. Itálico do autor).

Esta antecipação da razão que, de modo algo nominalista, faz falar a loucura face à própria loucura, parece tanto mais evidente quanto o ponto de partida de Foucault, na citação e subsequente análise do *Cogito* cartesiano, é —como Derrida não cessa de demonstrar— parcial e incompleta, não deixando de envolver e de minar todo o jogo argumentativo foucaultiano.

A insensatez da palavra

Mas voltemos a Blanchot, sem perder esta problemática de vista. Toda a linguagem vive sob a contaminação dessa tão indeterminada palavra: loucura. A loucura é a interrupção da linguagem —coloca a linguagem em ruptura consigo mesmo, conduzindo a palavra a uma errância sem nome e sem totalização. Por isso mesmo, a língua *deve* louca, é loucura quando se transgride a si mesma no solo do poema ou do texto. A loucura parece afirmar-se, então, no próprio coração da linguagem, mesmo que em omissão ou esquecimento, *aquém* ou *além* do juízo (resistindo tanto ao *facto* como ao *valor*) classificatório patenteado na leveza fácil de um qualificativo: loucura. Vejamos:

«Folie: supposons un langage d'où ce mot serait exclu, un autre où il serait, oublié, en rapport avec tous les mots, un autre où la recherche effraïée, interdite, de ce seul mot perdu et constamment redoutable, constamment interrogateur, suffirait, orientant toutes les possibilités de parole, à soumettre le langage au seul mot qui l'aurait déserté.» (Blanchot, 1973: p. 65).

Tal suposição seria tão *louca* quanto fácil visto pressupor, para Blanchot, que dispuséssemos de uma língua em que tão só um nome desse e designasse a loucura. Porém, o vício classificatório não ilude o peso interrogativo dessa palavra, que perguntamos se é aplicável a Hölderlin, a Nietzsche, menos por dúvida científica do que por imobilizar no cristal de um saber uma palavra tão móvel e tão dúctil —tão pouco imoldurável no quadro estreito da Razão. A linguagem no seu ponto extremo conduz, tal como é fundada, a uma exterioridade absoluta e sem sujeito, pelo que a linguagem que *fala* na escrita só pode *de-morar* aí, próxima da loucura; como se a linguagem *desse em louca*. Na verdade, é esta sua habitação nómada, precária e abissal que a torna *falante*: só *diz* quando e onde o dizer se torna impossível, tal como Hölderlin ou Kafka, na obra que quiseram fazer de si mesmos, souberam ser vozes vivas. É este excesso e este limite que vivem na enigmática palavra *loucura*, que, em vez de ser contraposição dialéctica da Razão, surge como o risco que faz falar a linguagem (risco que é também o de torná-la “não-falante”) a caminho da sua destruição. A energia da linguagem —a sua loucura mortal (e mortífera; e mortificante)— não é teoricamente determinável, o que agudiza a hesitação no manuseio da palavra “loucura”, enquanto se investe de uma soberania de razão expressa num conceito, numa classificação, num Eu soberano. Precisamente as regras do jogo da pré-compreensão que Derrida acusou em Foucault, quando este invoca, contra Descartes e na oposição ao *Cogito*, a historicidade da palavra *Loucura*.

Quando, mais precisamente a partir de *L'Entretien Infini*, mas já em *L'Espace Littéraire* (Blanchot, 1955), como ele mesmo parece notar ao remeter para este livro e para a sua noção de *désoeuvement*, Blanchot fala do Neutro como deslocalizador da linguagem que, sem sujeito, remete a escrita à impessoalidade corporizada na terceira pessoa do “IL”, dá-se a pensar o *algures* da palavra na escrita que, louca em si mesma, põe entre parêntesis todo o corpus da palavra. E é aqui que a sua noção de loucura, na sua dimensão profundamente transgressora, transgride mesmo a aproximação de Foucault, ultrapassando uma concepção ainda devedora à clássica oposição Razão/Irrazão em nome de uma *exterioridade pura*. Com as palavras “loucura” e “desrazão” em idêntica destruição classificatória, o cenário louco da loucura na escrita remete-nos a uma

impossibilidade sem mundo que, desde Hölderlin e Nietzsche, se personifica no “deus louco Dionísio”, *divindade que conduz à loucura ou loucura que conduz à divindade*:

«D’où (peut-être) l’étonnement qui nous saisit, lorsque nous apprenons, l’apprenant après Hölderlin et après Nietzsche, que les Grecs reconnaissent en Dionysos le “dieu fou”: expression que nous nous rendons plus familière en l’interprétant: le dieu qui rendrait fou ou la folie qui rend divin.» (Blanchot, 1973: p. 66)

A presença em Dionísio do “deus-louco” é a presença duplamente impossível: é a presença do exterior, cuja loucura transforma numa exterioridade que mais ainda se presentifica na sua impossibilidade. A lonjura de Deus no longínquo da loucura traz à presença a interdição da presença, rasgando o horizonte do mundo no furor da linguagem nova. Prossegue Blanchot:

«Mais le “dieu fou”? Comment accueillir ce qui survient par la force d’une telle irrégularité? Un dieu, non pas lointain, responsable de quelque déraison générale, mais présent, la présence même, dans sa soudaineté révélatrice: la présence du dieu fou? Le dieu fou: la présence du dehors qui a toujours déjà suspendu, interdit la présence.» (Blanchot, 1973: p. 66)

A loucura, presença do impresentificável, é a impossibilidade da obra, a ausência do livro a que toda a escrita remete; a escrita processa-se na ausência da obra —nunca presente ou contemporânea— o que a formula enquanto *promessa*, como dom que não possui o que dá e não vê a quem dá, traço sem vestígio, sem signo —pura exterioridade ou desrazão. Escreve Blanchot:

«L’écriture trace, mais ne laisse pas de trace, n’autorisant la remontée, à partir de quelque vestige ou signe, à rien d’autre qu’elle-même comme (puré) exteriorité.» (Blanchot, 1969: p. 625)

A arte, e particularmente a escrita, é cenário de privilégio para a loucura como “ausência de obra”, justamente porque o artista, impelido para a produção da Obra, é atraído para o vazio do *désœuvrement*, vivendo a impossibilidade de uma Obra sempre *por vir* e num face-a-face com o que sempre se furta —provação imensa!— à presença.

A “linguagem” da loucura problematiza, em Blanchot, a exigência de uma linguagem não-dialéctica —bem como a sua “experiência”, palavra que a si mesma se reinventa neste registo— que, de Sade a Nietzsche e a Hölderlin, trava um debate silencioso com a linguagem modulada pela Razão e pela Presença. Eis por que, no entender de Blanchot, em escuta atenta da palavra de Mallarmé:

«Écrire comme désœuvrement (au sens actif de ce mot), c'est le jeu insensé, l'aléa entre raison et déraison.» (Blanchot, 1969: p. 623)

Escrever abre uma indecidibilidade que *interrompe* o percurso dialéctico do pensamento, instalando-se no espaço difuso dessa mesma *interrupção*. A obra é ausência, distância, fissura no tempo em independência do objecto físico do livro; ela é desrazão, dispersão sem unidade: Loucura.

Já para além de Foucault, a quem não poupa a importância e o elogio, Blanchot instala uma espécie de loucura poética no caminho do pensamento. É que não opondo Loucura à via já trilhada da Razão moderna, Blanchot não dispensa a via da razão ou da racionalidade, mas alarga o seu espectro, dilata o seu alcance num inacabamento constituinte e criativo. São as vias da literatura, da arte, e da poesia as mestres de cerimónia na palavra que fica por dizer e que do lado de lá —sempre um passo mais além da Razão estabelecida— colocam a palavra no seu inapropriável nomadismo. Porque, uma vez louca, nenhuma palavra se deixa inserir num padrão ou numa norma e, no fragor dessa sua errância, ela é sempre o traço infinito desse jogo insensato: a escrita.

Referências Bibliográficas

- Bident, Christophe (1998), *Maurice Blanchot, Partenaire Invisible*, Rhône-Alpes, Champ Vallon.
- Blanchot, Maurice (1955), *L'Espace Littéraire*, Paris, Gallimard.
- Blanchot, Maurice *L'Entretien Infini* (1969), Paris, Gallimard.
- Blanchot, Maurice *Le Pas Au-Delà* (1973), Paris, Gallimard.
- Blanchot, Maurice *Foucault, como o Imagino*, Trad. Portuguesa (S.D.), Lisboa, Relógio d'Água.
- Carvalho, Maria Manuela (2001), *O Poder e o Saber*, Porto, Ed. Campo das Letras.
- Derrida, Jacques (1967), *L'Écriture et la Différence*, Paris, Gallimard.
- Descartes, René (1992), *Meditações sobre a Filosofia Primeira* (Trad. Portuguesa), Coimbra, Almedina.
- Lévinas, Emmanuel (1975), *Sur Maurice Blanchot*, Fata Morgana.
- Foucault, Michel (1961), *Histoire de la Folie à l'âge Classique*, Paris, Gallimard.
- Foucault, Michel (2001a), “Sur les Façons d'Écrire l'Histoire”, in: *Dits et Écrits I – 1954-1975*, Paris, Gallimard.
- Foucault, Michel (2001b), “La Pensée du Dehors”, in: *Dits et Écrits I – 1954-1975*, Paris, Gallimard.
- San-Payo, Patrícia (2003), *Blanchot, A possibilidade da literatura*, Lisboa, Ed. Vendaval.